

São Paulo, 10 de setembro de 1979

Prezado Amigo,

A Comissão Pró-Índio/S.P. escolheu, como forma de organização do trabalho de seus membros, a criação de subcomissões específicas. O intuito desta carta é apresentar a vo  
cê a subcomissão de educação.

Como se deve processar a educação formal em áreas indígenas? Qual o seu objetivo? Que técnicas empregar? Como relacionar a escola à Comunidade? Quais as funções dos monitores bilíngues? Alfabetizar para que? Como transformar a escola de instrumento de dominação dos povos indígenas em instrumento dos próprios índios na recuperação de sua autonomia? Como pensar e realizar uma educação o serviço das populações indígenas e que contribua para um relacionamento mais simétrico, justo, equilibrado entre estas e a sociedade nacional?

Estas são algumas das questões básicas que preocupam os membros desta subcomissão. Ela é constituída por pessoas de formações e vivências variados. Alguns de nós prepararam-se para trabalhar em áreas indígenas; outros, trazem a sua experiência concreta com educação junto a comunidades indígenas ou outras, e, ainda alguns, trazem suas experiências de pesquisa em linguística ou antropologia.

Nossa intenção é colaborar com o trabalho de professores de áreas indígenas, fornecendo-lhes material bibliográfico específico para reflexão; criando oportunidades para a troca de experiências concretas; prestando assessoria. O professor dificilmente tem oportunidade de discutir suas dúvidas e propostas com outras pessoas envolvidas no mesmo tipo de trabalho.

No campo da atividade prática é bem conhecida de todos nós a falta de uma orientação efetiva ou mesmo a definição de uma filosofia de educação indígena por parte da FUNAI. As pessoas que começam a trabalhar como professores nas áreas frequentemente têm que construir praticamente sozinhas seu método de trabalho: intuem, criam, estudam, refletem, solucionam. Todo este esforço muitas vezes é bruscamente interrompido com a saída do professor da área e o seu trabalho não chega

- 2 -

a ser compartilhado por outros e corre-se o risco de não haver continuidade. O trabalho é feito isoladamente.

Achamos por isso, que o CPI/SP. poderia ser útil a estas pessoas proporcionando o seu encontro, a troca de experiências e a assessoria de pessoas cuja formação específica em Educação, Linguística, Sociologia, Antropologia, pode auxiliar o trabalho daqueles que fazem a educação indígena.

Esta carta tem o objetivo de convidá-lo para um tal ENCONTRO e consultá-lo sobre o seu interesse e disponibilidade em participar. Em anexo estão os dados relativos à data, ao temário, à organização do encontro, participantes, etc.

Foi-nos sugerida pela Marta Lopes <sup>AVELIN</sup> de promovermos a troca de relatórios referentes às atividades dos educadores em áreas indígenas entre nós, como medida já preparatória do ENCONTRO. A CPI/SP. pode, de fato, funcionar como uma centro para onde os relatórios, pedidos de informações e sugestões são mandados pelos educadores indígenas de cada área, e, daqui, redistribuídos entre os demais. Neste sentido, estamos enviando os dois relatórios que já dispomos e cuja redistribuição nos foi autorizada por seus autores. Gostaríamos de pedir a você que nos enviasse um apanhado das suas condições de trabalho, dos seus objetivos, dos problemas específicos da área e uma descrição de sua atividade como professor educador. Nós nos encarregaremos de copiar o seu relato e enviá-lo aos demais professores que estamos convidando para o ENCONTRO.

Também em anexo segue uma lista com os nomes e os endereços destas pessoas.

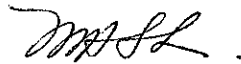
Para que possamos calcular o número de participantes e fazer o orçamento para o pedido de verba, pediríamos que você nos enviasse uma resposta até 15 de outubro de 1979, dizendo se virá e se está disposto a enviar um relatório sobre o seu trabalho e a situação da educação formal na sua área para ser enviado aos demais convidados. Caso você não possa vir, pediríamos que nos dissesse a razão.

Esperamos seus comentários e sugestões com relação às propostas contidas nesta carta e anexos para que o ENCONTRO

- 3 -

satisfaça as necessidades reais dos que trabalham com a educação indígena.

Um Abraço,



---

ARACY LOPES DA SILVA  
pela Subcomissão de Educação  
da Comissão Pró-Índio/ S.P.

Rua Caiubi, ~~126~~ 126  
Perdizes  
05010- São Paulo

Anexo 1.

PROPOSTA PARA O ENCONTRO SOBRE EDUCAÇÃO INDÍGENA PARA SER  
COMENTADA PELOS PARTICIPANTES. (com base nos comentários e  
sugestões será organizado o ENCONTRO).

I - OBJETIVOS: possibilitar a troca de experiências e a discussão dos problemas com que se deparam os educadores que trabalham em áreas indígenas; propiciar aos educadores a assessoria de profissionais ligados às áreas de educação, antropologia e linguística.

Comentários / sugestões:

- II- TEMÁRIO:
- a) definição e objetivos da educação formal em áreas indígenas.
  - b) condições reais de trabalho do professor e do monitor bilingue.
  - c) a escola e a comunidade indígena.
  - d) técnicas e conteúdo da alfabetização:  
educação bilingue?
  - e) outros conhecimentos: o que e como trabalhar.
  - f) expectativas dos índios em relação à educação formal.
  - g) outros temas sugeridos: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Comentários:

### III- METODOLOGIA

DE TRABALHO: o ENCONTRO reunirá basicamente dois tipos de pessoas: as que efetivamente trabalham com educação em área indígena e os assessores, cujo conhecimento e experiência em áreas afins poderá ser útil / aos primeiros. Assim propomos:

- a) sessões iniciais de depoimentos e relatos dos trabalhos na áreas;
- b) discussões em pequenos grupos sobre os assuntos presentes nos depoimentos e dos que constam do temário;
- c) painéis que reunirão todos os participantes.
- d) palestras dos assessores sobre temas de interesse dos participantes, definidos a partir dos depoimentos e dos debates.

Comentários / sugestões:

### IV- DADOS DE ORGANIZAÇÃO:

- 1) DATA E LOCAL PREVISTOS - antes do Natal, entre 10 e 15 de dezembro de 1979 aproximadamente, em São Paulo.  
A sugestão é do Pe. Miliã que, nesta época, estará por S. Paulo. Pareceu-nos uma época apropriada porque muitos saem das áreas / para o Natal e poderiam aproveitar esta / saída para virem ao ENCONTRO.
- 2) DURAÇÃO - Cinco dias.
- 3) DESPESAS - tentaremos obter uma verba que cubra a estadia; a Comissão Pró-Índio ficará encarregada de cobrir os gastos de material e infra estrutura; as passagens ficarão a cargo dos participantes.

4) ALOJAMENTO - se a verba nos for concedida, procuraremos fazer o ENCONTRO em regime de internato para maior comodidade dos participantes, maior rendimento do trabalho e oportunidades de um melhor entrosamento. Caso contrário, tentaremos organizar o alojamento dos participantes nas casas dos membros da Comissão.

V - CONVIDADOS A PARTICIPAR:

ENDERECO

Marta Maria Lopes	XAVANTE - MT	C.P.230
Helena S. Biase Miranda	" "	CEP 78.300
Marina Kahn	" "	Barra do Garças -
André Villas Boas	" "	MT.
Laércio Miranda	" "	
Marta Azevedo	KAIOUÁ -MS	C.P.129 CEP 79.990 Amenbai - Ms.
Roberto e Lori Altmann	SURUI -RO	C.P.19 CEP 78.935 Cacoal - RO
Luiz e Eunice Gouveia de Paula	PAPIRAPÉ - GO	C.P.866 Goiânia - GO
Zaida Maria do Nascimento	KAINGANG - RS	C.P.94 CEP 98.500 Tenente Portela - RS.
TERIA <del>KL</del> Klein Vieira	BORORO - MT	P.l. Tadarimena a/c 5ª D.R. FUNAI Rua Campo Grande, 250 CEP 78.000 Cuiabá -MT.
Ir. Beth Amarante Rondon	IRANEXE - MT	C.P.100 CEP 78.860 Diamantino - MT.

Susana P. Guimarães

PARAKANÁ - PA

Hotel Rio Doce  
CEP. 68.460  
Tucuruí - PA.

Keila Diniz

KASHINAUÁ -Acre

a/c Terri Aquino -  
Comissão Pró-Índio  
ACRE. Travessa Epa-  
minondas Martins, 141  
Bairro do Bosque  
CEP. 69.900 -Rio Branco

Loreta e Roberto Brodoloni

YANOMAMI - RO

C.P. 153  
CEP. 69.300  
Boa Vista -RR.

Pe. Bartomeo Meliá

SALUNÁ

OBSERVAÇÃO:

Serão também convidadas as pessoas que trabalham com grupos indígenas no Estado de São Paulo. Estamos tentando localizar os nomes e endereços dos que trabalham em Guarita (RS) e os que desenvolvem programas educacionais entre os Nambikwara e os Pataxó.



NOÇÕES DE SAÚDE A SEREM DESENVOLVIDAS POR PROFESSORES EM ÁREAS INDÍGENAS  
(Sugestões a serem adaptadas em cada área, segundo sua situação específica)

1. EXISTÊNCIA DE MICRÓBIOS

Assim como o carrapato é pequeno perto da anta, existem bichos, que comparados ao carrapato, são tão pequenos, mas tão pequenos, que não dão para enxergá-los. Estes bichos existem em quase todos os lugares. Na terra, nas plantas, no ar e principalmente na água. Existem muitas espécies destes bichos, uns maiores, outros menores. Eles são chamados de "microbios".

A FAUNA DO ÍNDIO E A FAUNA DO BRANCO

O homem sempre vive com outros animais. O branco tem gato, cachorro, boi, cavalo, porco, galinha e o índio tem onça, tatu, tamanduá, arara, tartaruga e outros. Os insetos que moram com o branco também são diferentes dos que moram com os índios. E assim também, os micróbios do branco são diferentes dos micróbios dos índios.

RELAÇÃO MICRÓBIO E DOENÇA

Quando um porco morde o homem, machuca mas não mata. Quando uma cobra morde, pode matar. Os micróbios também podem matar. Muitos não fazem mal aos homens, mas muitos podem viver dentro do homem causando doenças. Nem todas as doenças são causadas pelos micróbios, mas a maioria delas são. Assim como os micróbios dos índios são diferentes dos micróbios dos brancos, as doenças do índio são diferentes das doenças do branco. São poucos os micróbios dos índios que causam doença. A Malaria é uma das doenças que o índio tem, por causa de um micróbio que o pernilongo injeta no sangue dele. Outros micróbios entram direto pela boca e pelo nariz. O homem branco tem muitos micróbios que dão doenças, como por exemplo: o Sarampo, a Gripe, a Tuberculose.

DECORRÊNCIA DO CONTACTO

Quando uma pessoa está doente por causa do micróbio e vai a algum lugar ela leva estes micróbios que podem pegar outras pessoas. Quando por exemplo: um índio vai a cidade é muito fácil ele pegar a doença, por que lá tem muitas pessoas com micróbios. Por isso, o índio deve evitar a cidade, não chegar muito perto das pessoas doentes, e quando estiver doente não deve ir pra outro lugar, pois pode levar a doença com ele.

A DOENÇA NO BRANCO E NO ÍNDIO - VACINAS

As pessoas que vivem muito tempo com um micróbio, podem se acostumar com ela, e não ficar doente quando esse micróbio ficar morando dentro dela. Ou a doença ser mais fraca. Muitas doenças a pessoa só tem uma vez na vida porque quando ela fica doente ela acaba se acostumando com o micróbio, que nem acontece com o Sarampo. Para estas doenças, que o homem se acostuma com o micróbio e nunca mais tem a doença, o branco inventa um jeito da pessoa se acostumar com o micróbio sem ficar doente. Isso se chama Vacina. Quando se dá a Vacina a pessoa se acostuma com o micróbio e não fica doente, quando depois esse tipo de micróbio viver nele. Por isso a Vacina é tão importante e todo mundo deve tomar a Vacina.

REMÉDIOS - CUIDADOS A SEREM TOMADOS

Para muitas doenças o branco tem remédio. Assim como o remédio do índio, eles são tirados das plantas. Um remédio que é bom para uma doença não é bom para outra doença. As vezes ele faz bem, mas pode .....



também fazer mal. O remédio é como comida. Não pode tomar tudo de uma só vez. Tem que ser um pouco por vez, e na hora certa. Todo remédio vira veneno, se a pessoa tomar demais. Por isso a pessoa nunca deve tomar um remédio sem a orientação de alguém que conheça o remédio.

Os remédios do branco são bons para as doenças do branco, mas para as doenças dos índios, os remédios dos índios são melhores. O índio não deve deixar de usar seus remédios antigos, substituindo-os pelos do branco. Estes só devem ser usados para casos nos quais o índio não dispõe de terapêutica eficaz.

## 2. ALIMENTAÇÃO - Água, Leite, Doce.

Antes do branco, havia muito peixe e bicho que o índio comia. Com o branco, muito bicho morre e o índio fica sem carne para comer. É importante o índio continuar comendo carne. Se o branco acabou com a caça, água e índio tem que criar galinha para comer ovo e a carne de frango, porque é muito melhor que a comida do branco.

A água deve sempre ser limpa. A água suja e o lugar onde mora o maior número de microbios.

O leite que a mãe tem, é a melhor comida pro bebê. O leite em pó que o branco bebe se serve pra dar dinheiro pra fábrica que faz o leite e deixar a criança fraca e doente.

O doce que as crianças gostam tanto, é veneno para os dentes. Antes de comer doce, o índio não tinha carie e dor de dente.

## CASA

A casa de palha do índio durava pouco do que a casa de barro do branco por isso, os bichos e microbios não tinham muito tempo para crescer. Com a casa de barro, os bichos crescem muito mais. Além disso a casa do branco é muito mais quente.

## ROUPA

As roupas tem a vantagem de proteger a pele contra as picadas de pernilongos, mas quando ficam muito tempo sem lavar elas ajudam a pessoa a ter doença de pele. Além disso, muitas vezes, ela vem de pessoas que tinham doença e quem passa a usá-las, pode ficar doente.

## 3. DOENÇAS ESPECÍFICAS - DIAGNÓSTICO E CONDUTA

### GRIPE

É a doença mais comum. Ela pode ser fraca ou muito forte, podendo até matar a pessoa. O doente fica com febre, nariz escorrendo, tosse e às vezes pode ficar complicado e virar pneumonia. Quando a pessoa está com gripe deve tomar muita água, remédio para febre e se não deve tomar xarope para tosse, porque pode fazer mal. É muito melhor tomar mel com o suco de limão. O importante é não ir para outros lugares onde não está tendo gripe.

### SARAMPO

É a doença que mais mata os índios. A pessoa só pega esta doença se tiver contato, se chegar perto de outra pessoa que está doente com sarampo.

No começo dá febre, a pessoa fica inchadinho, perde o apetite, os olhos ficam vermelhos, a pessoa tem tosse e depois de uns 4 ou 5 dias aparece um vermelhão no corpo que dura mais uns 5 a 6 dias e sara sozinho. Às vezes não sara, e vira pneumonia ou por causa da febre, diarreia e vômitos que pode dar desidratação a pessoa, se

tornando um caso grave.

A pessoa só tem a doença uma vez na vida e se tomar a vacina, não fica doente.

Quando a doença chega em um lugar onde tem um monte de gente que nunca tiveram a doença antes e não foram vacinadas, ela pode pegar tanta gente, que aí não tem quem faça comida ou de água para os outros. Nestes casos é que ocorram muitas mortes. Por isso é que é importante vacinar todo mundo que ainda não teve a doença ou não foi vacinado.

#### TUBERCULOSE

É outra doença de branco, que prejudica muitos índios. Assim como o sarampo, só se pega tuberculose de outra pessoa que tenha o microbio da tuberculose.

A pessoa doente de tuberculose, geralmente tem febre, emagrece e tosse, cuspidando catarro com sangue.

A vacina não é tão boa quanto a do sarampo, e o tratamento é demorado. É preciso tomar remédio todos os dias, durante 1 ano, senão a doença volta.

#### Diarréia

É a doença mais frequente nas crianças. Ela costuma acontecer por causa de muita sujeira. Quando a pessoa está com diarreia é preciso que ela tome muita água, para não desidratar. Os remédios que as pessoas tomam para diarreia não são muitos bons e podem piorar. É melhor se comer comida leve e com banana, goiaba e mandioca.

#### DOENÇAS VENÉREAS

Existem várias doenças que se pega quando se tem relações sexuais com uma pessoa doente. Essas doenças podem causar grandes prejuízos às crianças, levando-as inclusive à cegueira.

#### ALCOOLISMO

A pinga é uma arma que o branco muitas vezes usa para se aproveitar do índio.

O álcool além de fazer mal para o fígado, prejudica a cabeça das pessoas, levando-as à miséria e à destruição.

A lei proíbe que se dê bebidas alcoólicas aos índios e diz que será preso por 2 anos quem desobedecer.

.....

- CEDI -

Sucursal/SP - Av. Higienópolis, 983 - 01238

CEDI - P. I. B.
DATA 31 / 12 / 86
COD. _____

## DOCUMENTO FINAL

De 10 a 15 de dezembro de 1979 realizou-se em São Paulo o Encontro Nacional sobre Educação Indígena, organizado pela Sub-Comissão de Educação da Comissão Pró-Índio (SP). Ao Encontro compareceram professores que atuam diretamente nas áreas indígenas, lingüistas, antropólogos, sociólogos, médicos, indigenistas, juristas, estudantes de Ciências Sociais e membros de várias entidades ligadas à causa indígena, num total de 53 pessoas.

A organização do Encontro visou à apresentação de casos e depoimentos sobre situações concretas, de modo a permitir um levantamento real do trabalho educacional com povos indígenas.

Em primeiro lugar, constatou-se uma enorme diversidade de situações, o que demonstrou a necessidade de um debate mais amplo, que leve à reformulação de questões fundamentais para um melhor equacionamento da política educacional indígena.

Ficou evidenciada mais uma vez, a impossibilidade de se encaminhar a questão da educação sem colocá-la no contexto mais global do modelo político-econômico vigente no Brasil, que exige o sacrifício da maioria do povo em prol de um suposto desenvolvimento.

A política indigenista oficial é parte integrante desse modelo, e tem servido, sistematicamente,

como instrumento de dominação e destruição dos povos indígenas. Dentro desse contexto, a educação institucionalizada, respaldada pelo Estado, é veículo privilegiado de dominação ideológica, pois desrespeita os povos indígenas, mascarando-se através de um paternalismo autoritário que aparentemente protege, quando na verdade cerceia e destói.

A política oficial desconhece a realidade do processo educacional próprio das sociedades indígenas. Tal processo é garantia de manutenção de uma identidade étnica diferenciada, e sua redução ao ensino oficial não pode ser admitida porque nega o direito desses povos à auto-determinação.

O Encontro revelou que todas as tentativas de uma atuação alternativa na área educacional indígena têm sofrido sistemática rejeição por parte da política oficial. Os mecanismos dessa rejeição são os mais diversos: vão desde o abandono do trabalhador doente em área indígena, às constantes transferências de pessoal de uma área para outra, de pressões, ameaças, até o afastamento ou expulsão pura e simples de qualquer elemento realmente comprometido com a educação indígena. Citamos como exemplo, entre muitos, o caso ocorrido recentemente com o casal Roberto Zwetsch e Lori Altmann, que trabalharam junto aos Suruí, no Território de Rondônia, mediante convênio com a Funai e que foram expulsos por determinação arbitrária do administrador do Parque Indígena Aripuanã.

Outro caso aberrante é o da retirada da Professora Suzana Grillo Guimarães do Parque Indígena do Xingu, apesar dos insistentes pedidos feitos ao presidente da FUNAI, pela própria comunidade xingana, para que ela permanecesse na área.

Vários casos evidenciam ainda uma total incoerência das várias instâncias do órgão tutelar.

A situação atual é tão instável e caótica que leva ao temor do completo esfacelamento da obrigação estatal de defesa dos povos indígenas. Tal temor se concretiza face às recentes medidas de descentralização administrativa da FUNAI, que na prática, levarão à entrega da questão educacional indígena a interesses regionais historicamente reconhecidos como contrários e prejudiciais à especificidade das culturas indígenas.

Os participantes deste Encontro concordam em que:

- 1 - deve-se exigir que a voz do índio seja ouvida e respeitada nas decisões de seu próprio destino.
- 2 - deve-se lutar pelo reconhecimento da especificidade da educação indígena.
- 3 - deve-se apoiar toda e qualquer iniciativa organizada pelos povos indígenas para defesa de seus mais legítimos direitos.

São Paulo, 15 de dezembro de 1979.